

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

18 de fevereiro de 1979 - Ano 7 - Nº 354

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 22.
26000 Nova Iguaçu, RJ

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada, Petrópolis, RJ.

OU SAÍMOS DA PARALISIA OU PERDEMOS A VIAGEM

A gente pode voltar aos milagres do Evangelho de duas maneiras ou com duas finalidades: reforçar a esperança de que também podemos receber de Deus algum milagre, alguma cura ou a quebra de algum galho. Mas podemos voltar aos milagres de Cristo com mentalidade mais adulta na fé: catar neles e descobrir as profundas lições escondidas que não vimos numa primeira leitura, quando nossa mente estaria ofuscada pelo interesse de ser também contemplado com alguma "graça" de Deus.

É o caso do paralítico, narrado na terceira leitura. Em vez de curar o homem, que era o que estava interessando, Jesus diz que perdoa os seus pecados, para que o doente e os circunstantes descobrissem uma realidade mais profunda: a relação de sua vinda ao mundo com o mal — o mal chamado pecado — de que a paralisia era símbolo perfeito. Jesus não veio para organizar um supermercado de curas, mas para lutar contra a raiz mais profunda da miséria humana: o pecado, a existência do pecado, a presença do pecado nas relações humanas, as consequências do pecado na vida dos homens.

Vida humana é definida com o símbolo riquíssimo de grande e arriscada viagem. Viagem que vai do nascimento até à morte, passando por todos os percursos da vida. Viagem que vai aqui da terra até o céu, de volta às mãos de Deus que nos criou e nos quer depois perto dele. Viagem que vai desde as origens da espécie humana, perdida nos povões da escalada evolutiva, até o progresso e o alargamento de consciência a que hoje chegamos. Viagem que vai

desde nosso estágio de recém-nascido e criança até a idade adulta, avançando sempre mais na direção do que somos como projeto: seres humanos, imagens de Deus, filhos de Deus.

O símbolo da viagem remete imediatamente ao símbolo do caminhar. Quem não caminha não sai do lugar e o paralítico é a imagem do homem parado, do homem que não pode caminhar, do homem que não pode sair do lugar, por isso está impedido de fazer a viagem. O paralítico simboliza o homem privado das condições de fazer a viagem na direção de sua dignidade humana. Nos tempos bíblicos, era forte a idéia de que doença acontecia sempre como castigo de pecados pessoais. Se o homem era paralítico, era porque devia alguma coisa a Deus. De uma outra forma, esta mentalidade persiste e até acompanha a história dos homens, travestida em outras manifestações: "A pessoa é pobre porque não teve sorte na vida. A pessoa é pobre porque não lutou para subir. A pessoa é pobre porque foi Deus quem fez o mundo assim mesmo. A pessoa é pobre porque Deus gosta da pobreza e vai dar o céu aos pobres depois". Hoje, sabemos que a pessoa é pobre e privada dos bens necessários à vida não porque alguma força interferiu de fora do mundo, mas porque a vida na sociedade é organizada de tal forma que alguns se apossam de tudo, tornando-se insensíveis ao sofrimento daqueles que ficaram sem nada. Os donos do dinheiro se apossam do poder e fazem as leis a seu favor. Tomam tudo para si, minoria privilegiada, pouco se importando que a maior parte da humanidade esteja sem nem o que comer.

E sem comer, quem pode caminhar? Sem o necessário à vida, quem pode avançar em sua viagem? Se não tenho comida para manter as forças de meu organismo; se não tenho condições de manter a saúde de meu organismo; se não tenho casa onde morar dignamente; se não tenho salário que dê para sustentar a dignidade de minha família; se não tenho escola para meus filhos, que lhes abra o caminho da realização; se não tenho o direito de participar na organização de minha comunidade; e tantas exigências mais da vida humana: eu sou um paralítico, estou paralisado em minha viagem, não vou chegar ao ponto que minha definição me propõe. E não são apenas condições materiais: se não tenho o direito de participar na vida de minha comunidade; se não tenho condições de ser aceito, valer e intervir de alguma forma na história de meu povo; se ninguém toma conhecimento de minha existência e o mundo vai em frente como se eu não existisse; se ninguém me dá valor e me apóia para eu também lutar e participar: continuo a ser um paralítico, diante da viagem que tenho de fazer. Aí a história vai em frente, sem tomar conhecimento de mim; o contrário: passando por cima de mim e me triturando, fazendo lixo humano de mim.

Curando o paralítico e mandando-o andar, o Evangelho dá-nos a lição de que é preciso andar. Nenhum direito vai ser dado de graça aos oprimidos. Historicamente, os direitos nunca são outorgados, isto é, dados de graça. Os direitos humanos, até os mais elementares, comida e habitação, só foram conseguidos pelos explorados através de sua união e de sua luta. Mas aí vem uma certeza: a força que mais transformações operou na história foi exatamente a da união dos pequenos: os pequenos se unindo e criando força para conquistar os direitos que lhes são escamoteados.

CATABIS & CATACRESES

O CATABI CHAMADO POVO...

1. Povo é catabi? Ora se é, leitor amado idolatrado. Tem doutor que gosta do povo carneiro, maria-vai-com-as-outras, um povo passivo que nunca diz nada, que agradece as obras públicas humildemente, que nunca reclama, isto sim que é povo jóia dos sonhos politiqueiros.

2. Mas um dia o povo acorda, não é mesmo, brasileiro? Acorda e começo a pensar, e começo a falar, e começo a agir, e começo a botar doutor na parede que é um deus nos acuda.

3. Foi assim em certa cidade importante

de Pindorama. O povo acordou. E convidou o doutor prefeito para uma conversa. Custou, mas enfim acertaram a data. É que, sabe?, o doutor é um homem atarefadíssimo, dia e noite, vinte e quatro horas ocupado, preocupado, etc., com as coisas do município.

4. Acertaram século, ano, mês, dia e hora. Também o lugar. Um povão de todos os bairros, pra conversar com o doutor.

5. Mas sabe o que se deu? O doutor prefeito saiu pela tangente, teve medo do

povo, inventou um pretexto e mandou um representante, desses mambembes que não atam nem desatam, que falam falam falam sem dizer nada, que gostam de dar lição de moral. Etc. e tal.

6. O doutor prefeito fez muito bem: povo conscientizado é o maior catabi na estrada do politiqueiro, é povo inconveniente, é povo exigente, é povo agressivo, é povo mal educado... tá? Tudo porque não se deixa manipular. Chau, leitor. Viva o povo! Povão, tá na hora de assumir! Chau, leitor, chau.

7º DOMINGO DO TEMPO COMUM (18-02-1979)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.
"Missa do Menino e sua Mãe", Lp. das Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

 1. Meu irmão, vamos cantar, eu não vou cantar só! Se sozinho rezo bem, com você vai melhor. Jesus Cristo, Deus nos céus! Jesus Cristo em Belém! Jesus Cristo entre nós! Como é bom amar assim!
2. Onde dois ou três estão reunidos, também reza entre nós Cristo, nosso Senhor.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.
S. Irmãos, a graça de Deus esteja com todos vocês, que amam nosso Senhor Jesus Cristo com fidelidade inabalável. P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Jesus olhou o paralítico e, em vez de curá-lo logo, disse: "Eu perdoou os teus pecados!" O evangelho não diz se o doente ficou alegre ou decepcionado, mas diz que a frase de Jesus soou como blasfêmia, escandalizando os donos da Lei; pois só Deus, conforme eles, tem o poder de perdoar pecados. Jesus quis que o doente e os circunstantes descobrissem uma realidade mais profunda: a relação da vinda dele ao mundo com o mal moral — o pecado — de que a paralisia podia ser apenas símbolo. Para os males do corpo havia os médicos que, mais cedo ou mais tarde, identificariam as causas das doenças. A vinda de Jesus e sua luta eram contra a raiz mais profunda da miséria humana: o pecado. Seu maior poder e, em consequência, sua missão eram a libertação do homem ao pecado e suas consequências. O mal-entendido perdura até hoje: a piedade ingênua, incompleta ou errada tenta fazer da fé uma possibilidade de graças e favores pessoais, quebra-galho em determinados momentos. Quando supera a ingenuidade e o erro, o cristão descobre que a missão de Cristo no mundo e, portanto, a missão do cristão no mundo não é forçar a barra a fim de conseguir favores de Deus e dos santos, mas viver e lutar para libertar o homem ao pecado e suas consequências individuais e sociais.

4 ATO PENITENCIAL

S. (Exortação ao arrependimento, de acordo com o sentido da missa. Pausa para revisão de vida. No fim, canto penitencial):

Perdão, Senhor, por eu não amar a cada irmão com o mesmo amor com que você amou.

1. A Deus que é Pai Você amou constante, sem nunca estar cansado, fiel a cada instante, até morrer.

2. A meus irmãos Você amou constante, sem nunca estar cansado. Também a cada instante eu devo amar.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

P. Amém.

5 GLÓRIA

Glória! Glória a Deus nos céus! Ao Deus que é santo e bom nosso louvor.

1. Mas ao Cristo Menino nos braços da Mãe, não os gritos nem hinos nem voz de louvor, mas só gestos de fé, alegria e paz, só ternura, carinho e calor.
2. No presépio deitado entre palhas e flor, Jesus Cristo recebe o rei e o pastor. Deus se fez pequenino e se fez Salvador. Glória à Mãe e a seu Filho Menino!

6 COLETA

S. Oremos: Deus todo-poderoso, ajudai a procurarmos sempre o que for de acordo com vossa Lei, escrita em nosso coração e esclarecida por vossa Igreja; desta forma realizamos vossa vontade e podemos alimentar a esperança de receber a recompensa de vossas promessas. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

 C. A primeira leitura é tirada do Livro do Profeta Isaías (43, 18-19.21-22.24b-25). A missa de hoje fala em perdão dos pecados. Definindo perdão, a primeira leitura diz que não fiquemos presos ao passado, mas olhemos sobretudo para a frente, para o mundo novo que Deus, em nós, está criando.

L. Leitura do Livro do Profeta Isaías: «Assim diz o Senhor: 'Não fiquem mais presos às recordações de outros tempos nem se atenham mais às coisas do passado. Pois eu vou realizar uma coisa nova que já aparece, vocês não notam? Sim, vou traçar uma rota no deserto e estabelecer estradas nas regiões solitárias. Então o povo que formei para mim cantará os meus louvores. Tu, Jacó, não chamaste por mim e alegas que estás cansado de mim. Tu é que me cansaste com teus pecados e encheste minha paciência com tua maldade. Eu é que devo sempre perdoar as tuas faltas, eu é que devo sempre esquecer os teus pecados'». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Profetas anunciam e Cristo se encarnou. O que era só mistério nascendo se revelou.

1. Como o seio de Maria é fecundo e dá a luz, toda a História amadurece, frutifica em Jesus.
2. Cristo nasce no silêncio e na paz do coração. Nossa vida deve sempre revelá-lo ao irmão.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da segunda Carta de Paulo aos Coríntios (1,18-22). Paulo fala nas promessas de Deus e no "sim" que devemos dar a elas. As promessas de Deus, para se realizarem, precisam que nós a elas entreguemos nossa capacidade de luta: eis o mundo a ser construído, eis os planos de Deus esperando nosso engajamento.

L. Leitura da segunda Carta de Paulo aos Coríntios: «Irmãos, Deus sabe que, no trato com vocês, nosso proceder não é na base de sim e não. Do mesmo jeito, o Filho de Deus, o Cristo Jesus que tanto eu como Silvano e Timóteo lhes pregamos, não se apresentou dizendo sim e não, pois em sua pessoa encontramos um puro sim. Todas as promessas de Deus passaram a encontrar nele um sim. Por isso, precisamente dele nos vem o Amém com o qual aclamamos a Deus. É o próprio Deus quem dá a vocês e a nós a força de alcançarmos a dimensão de Cristo; foi este Deus quem nos escolheu e nos marcou interiormente com seu próprio selo, comunicando-nos o Espírito como garantia de que receberemos suas promessas». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

10 ACLAMAÇÃO

 Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!
1. Aos pastores na noite em paz, veio o anjo anunciando a luz. Encontraram a Virgem Mãe e, em seu colo, feliz Jesus.
2. No evangelho que vou ouvir, eu encontro a Jesus também. Quero ouvir o que vai dizer, quero alegre vivê-lo. Amém.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do Evangelho de Marcos (2,1-12). Jesus cura um paralítico mas antes fala em perdão dos pecados. O pecado é paralisia dos planos de Deus, no indivíduo e na sociedade. As consequências do pecado paralisam o crescimento na vida do povo. O cristão, presença de Cristo, deve lutar para erradicar esta paralisia, de si e da sua comunidade.

S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós.
S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «Tempos depois, Jesus voltou à cidade de Cafarnaum e logo espalhou-se a notícia de que ele estava em casa. Todo mundo correu para lá e ajuntou-se tanta gente que não havia lugar nem mesmo perto da porta, do lado de fora. Quando Jesus estava anunciando sua mensagem, quatro homens chegaram, carregando um paralítico.

Não puderam chegar perto de Jesus, por causa de todo aquele pessoal. Fizeram então uma abertura no teto da casa, por cima do lugar onde Jesus estava ensinando e, pela abertura, desceram o doente estirado em sua maca. Quando viu a fé desta gente, Jesus disse ao paralítico: «Filho, eu perdoo os teus pecados». Estavam ali sentados também uns mestres da Lei e eles pensaram: «Como ele pode falar assim? Isto é uma blasfêmia contra Deus! Pois quem pode perdoar pecados a não ser Deus mesmo?» Jesus notou o que eles estavam pensando, por isso perguntou: «Por que vocês ficam pensando assim? O que é mais fácil dizer ao paralítico: eu perdoo os teus pecados ou levanta-te, pega a tua cama e vai andando para casa? Vou mostrar a vocês que o Filho do Homem tem na terra o poder de perdoar os pecados!» E dirigiu-se ao paralítico: «Levanta-te, pega a tua cama e vai andando para casa!» No mesmo instante, o paralítico se levantou diante de todos, pegou sua cama e saiu andando. Todo mundo ficou profundamente impressionado, louvando a Deus nestes termos: «Nunca se viu uma coisa dessas!» — Palavra da salvação. P. Louvor a vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO



(No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE FÉ



S. Creio em Deus, Pai de todos os homens,
P. Senhor do mundo / o mundo que ele criou e sustenta. / Creio que ele me colocou neste mundo / e que também sou responsável por ele. / Creio em Jesus Cristo / no qual Deus se encontra com o homem / creio que ele me reconcilia com Deus / creio que ele vive e reina / e me chama para servir aos meus irmãos. / Creio que Deus está agindo no mundo / com a força do seu Santo Espírito. / Creio que Deus me chama por sua palavra / para pertencer à sua comunidade / e que tenho comunhão com ele pelo pão e pelo vinho. / Creio que Deus estabeleceu uma finalidade para este mundo / e me ordena a participar do seu futuro. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, o amor entre os homens, perfume da presença de Deus, é paralisado pela injustiça e pelas queixas que nossos irmãos têm contra nós. Para que tenhamos sensibilidade pela sorte dos outros, para que sejamos construtores do amor nas relações humanas, elevemos nossas preces:

L1. Por todos aqueles que sofrem as consequências de nossos pecados sociais: os pobres, os famintos, os injustiçados, os doentes, os marginalizados, os que não têm como viver a dignidade humana, rezemos ao Senhor.

L2. Por todos aqueles que estão paralisados em seu crescimento de gente e de cristãos pela ausência das condições necessárias: casa, comida, educação, remédio, respeito e liberdade, rezemos ao Senhor.

L3. Para que nós, cristãos, não vejamos nas doenças e misérias sinais de castigo de Deus mas provas de nossa insensibilidade pelos sofrimentos e misérias de nossos irmãos, rezemos ao Senhor.

L4. Para que entendamos como Cristo nossa missão de cristãos e usemos nossos esforços a fim de ensinar e incentivar os irmãos a saírem da paralisia interior e caminharem na direção de sua liberdade, rezemos ao Senhor.

L5. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor Deus, vede nossa boa vontade e vede nossa fraqueza; vede a clareza de nossa consciência e o comodismo de nossos esforços; sabemos que muito depende de nós, mas responsabilizamos vossos planos por tudo o que acontece. Ajudai nossos esforços com a presença de Jesus Cristo e a graça do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO



Vou levar a Deus no altar meus dons, o bem que pratiquei e meus desejos bons.

1. Sobre o altar oferecemos o pão e o vinho ao Senhor, como Cristo recebeu coisas simples do pastor.

2. Os reis magos lhe trouxeram seus presentes de valor; sendo igual o coração, vale o rei, vale o pastor.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a Santa Igreja. S. Senhor Deus, vós nos olhais com olhar de Pai e recebeis com agrado as ofertas feitas de coração puro. Aceitai o pão e o vinho que vos apresentamos e ajudai a caminharmos juntos na vida, alegres e confiantes, aceitando-nos mutuamente na caridade e aguardando a realização de vossas promessas. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

Santo, santo é Deus nas alturas! Santo, santo é o Menino Deus.

Sobre as nuvens Deus e entre os anjos Deus. Bem maior que o céu, maior que tudo é Deus. No presépio é um pequenino Deus. Entre as mãos da Mãe é um pequenino amor.

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração): Eis o mistério da fé.



P. Salvador do mundo, salvai-nos, / vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.

19 CORDEIRO DE DEUS

Cordeiro de Deus, Cristo nosso Irmão: Cristo, bom pastor, de todos tenha compaixão.

1. Nosso coração traiu, quando a vida mais pesou. Nós pedimos seu perdão,

pelo amor que não bastou.

2. Quantas vezes ofender, tantas vezes voltará; nosso pobre coração seu amor perdoará.

20 CANTO DA COMUNHÃO



Os anjos vêm cantando no céu, contando felizes que Cristo nasceu.

1. Os pastores levam os seus presentes, vão cantando, também estão contentes. Na esperança falam sua alegria e encontram Deus feito uma criança nos braços de Maria.

2. Deus agora ao seu altar nos chama, nos convida a vir porque nos ama. Comunguemos cheios de alegria Jesus Cristo feito também pequeno na santa Eucaristia.

21 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Senhor, fomos alimentados com o Corpo e Sangue de Cristo; fomos instruídos por sua Palavra; fomos fortificados na caridade pela oração comum; agora, na vida da semana, sejamos fiéis a vossos mandamentos, testemunhando vosso amor, para que os que estão nas trevas reconheçam o caminho da salvação. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

22 MENSAGEM PARA A VIDA



(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. As estradas se enchiam de veículos, numa fila sem fim: ônibus, automóveis, caminhonetes vinham de toda parte e subiam lentamente as curvas que iam terminar no alto, em imenso pata-mar. No meio, uma cruz assinalava o lugar da aparição e dos milagres. Devotos, observadores, estudiosos, médicos, parapsicólogos, teólogos, jornalistas, todos queriam ver. Havia boatos a respeito de graças e milagres. Alguns vinham de muito longe, na esperança de alcançar uma cura. Foi cena semelhante que Marcos descreveu hoje em seu evangelho: «Ajuntou tanta gente que não havia possibilidade nem de chegar perto da porta pelo lado de fora». A mentalidade científica e a mentalidade religiosa esclarecida preferem não encontrar o problema de milagres pela frente, pois milagre sai da ordem natural das coisas e atrapalha qualquer explicação de nossa lógica. No entanto, Jesus não recusou-se às curas dos doentes. Talvez para ensinar também que a massa na construção do Reino deve ser preparada não só com lógicas e planejamentos, mas sobretudo com a compaixão pelos sofrimentos humanos. Cada milagre de Jesus é absolutamente menos apelação a forças mágicas do que atitudes de profunda compaixão diante do próximo sofredor.

23 CANTO FINAL

24 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós.
S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo. P. Amém.
S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe. P. Amém.

IMAGEM KAFKIANA

1. Kafka fixou imagens absurdas. Mas nem todas, como é de justiça reconhecer e louvar, uma vez que a humana insensatez, essa que está bem dentro de mim e de você, amado irmão, nunca terá ponto final. A vida não nos deixa mentir. Foi assim o caso do Renato. Seu Renato Tapajoz olhou as coisas com olhar de poeta. Olhou toda a fermentação da vida, olhou de cima abaiixo os grãos senhores que vieram libertar a Pátria, olhou o Povo, olhou tudo, sim, com olhos de poeta. E explodiu. O Poeta sempre explode de amor.

2. «Em Câmara Lenta» foi a explosão de amor do poeta Renato. Aí está a fração geográfica e temporal de um Brasil carregado de passado, torturado de presente e marcado de esperança. Os autoritários. Os deformadores. Os hipócritas. Os miseráveis. As injustiças. As reações violentas. As guerrilhas. Terrores e terroristas. A repressão. As torturas. Sangue derramado. Veneno semeado. Auto-suficiência. Evidentemente caso de Segurança Nacional. A lei funciona. A lei condena. «Em Câmara Lenta» é confiscado. Renato, preso.

3. São trinta dias de prisão. Dez de incomunicável. E o mais que a fantasia junta. «Não, um categórico não: neste País não se tortura». Três anos depois Renato é absolvido. O colendo Superior Tribunal Militar anula a sentença de outro colendo tribunal e reconhece que houve um equívoco de interpretação: «Em Câmara Lenta constitui no seu todo um desestímulo à ação terrorista e às guerrilhas, apresentadas como um erro que não deve ser repetido». E agora, Renato? Foi apenas um equívoco. Tudo fica por isso mesmo. Um equívoco. (A. H.).

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Eclo 1,1-10; Mc 9,13-28 /
Terça-feira: Eclo 2,1-13; Mc 2,29-36 /
Quarta-feira: Eclo 4,12-22; Mc 9,37-39 /
Quinta-feira: 1Pd 5,1-4; Mt 16,13-19 /
Sexta-feira: Eclo 6,5-17; Mc 10,1-12 /
Sábado: Eclo 17,1-13; Mc 10,13-16 /
Domingo: Os 2,14b.15b.19-20; 2Cr 3,1b-6; Mc 2,18-22.

MINISTÉRIO DA PALAVRA

OS DESAFIOS DA PAZ

A Folha: Gostaria de voltar ainda ao lema do Dia Mundial da Paz, de 1979: «Para alcançar a Paz, educar para a Paz». Como se pode educar um povo para construir a Paz? Que recursos temos à mão?

Dom Adriano: Santo Agostinho nos transmite uma tentativa de definição da Paz que não deixa de ter seu valor. Segundo Agostinho *paz é a tranqüilidade da ordem*. Sabemos o que é uma pessoa tranqüila: é a pessoa calma, equilibrada, organizada, que enfrenta os acontecimentos com domínio de si mesma e segurança; que age com serenidade; que toma atitudes lúcidas e coerentes. Daí compreendemos o que é tranqüilidade: calma, equilíbrio, serenidade, etc. E o que é ordem? Vamos dar uns exemplos: *a casa está em ordem*. Isto quer dizer: está bem construída, está paga, está arrumada, está limpa, a infra-estrutura — água, luz, esgoto, etc. — funciona bem, é acolhedora, etc. *O novo prefeito pôs a prefeitura em ordem*, isto é: organizou os serviços para melhor atendimento do povo, pagou os ordenados e compromissos atrasados, organizou as repartições, instruiu os funcionários, enfrentou os problemas da comunidade com soluções concretas, cuidou das infra-estruturas, combateu e eliminou a corrupção e os “jeitinhos”, organizou os arquivos, etc., etc. Podia citar mais exemplos do uso comum. Estes dois bastam para mostrar que a ordem implica numa situação regular, numa disposição das coisas em seu lugar certo, numa estabilidade.

A Folha: Era o que S. Agostinho queria exprimir na definição?

Dom Adriano: Exato. Quando na cidade, na casa, na instituição, na pessoa há ordem — as coisas funcionam, as coisas estão no seu lugar devido, etc. — estamos tranqüilos, calmos, trabalhamos sem preocupações anormais. Então há paz. Numa casa em ordem existe tranqüilidade, existe paz. Numa cidade que está em ordem existe tranqüilidade, existe paz.

A Folha: E a educação para a Paz?

Dom Adriano: Há muitas maneiras de

educar para a Paz, de preparar os ânimos para a Paz. Uma delas que interessa a comunidade e marca a comunidade está precisamente na “tranqüilidade da ordem”. Sem querermos exagerar — de fato a perfeição é uma meta orientadora —, achamos que na comunidade o bom funcionamento dos serviços públicos, das infra-estruturas, o respeito aos direitos dos cidadãos, a participação dos cidadãos na vida pública em todos os grandes momentos comunitários educam para a Paz. Se isto faltar, a Paz será apenas um postulado teórico. Aqui recordo os exemplos que dei na última entrevista. São exemplos de como se destrói a paz, já que antes se destruiu a reta ordem e também a tranqüilidade e segurança do povo. A repressão violenta que se dá em todos os regimes tirânicos, totalitários, autoritários, de direita ou de esquerda, muitas vezes baseada em rigidez moral e sempre fundamentada em manter a “verdade” dos tiranos e ditadores dá uma falsa tranqüilidade e cultiva uma paz falsa: é que a ordem deixou de ser uma situação de estabilidade global, para todos os cidadãos, para todas as instituições, para todos os aspectos da vida pública, e se tornou apenas um aspecto da repressão e um sustentáculo da tirania. Ordem meramente policial não é ordem. Daí se vê que é muito difícil educar para a paz nos regimes totalitários. Daí se vê que a melhor maneira de educar para a paz está em respeitar os direitos fundamentais do homem e seu exercício na vida concreta. Mas respeitar mesmo, inclusive o direito fundamental de discordar.

A Folha: Parece que a educação para a paz implica em educação para a democracia.

Dom Adriano: Com toda certeza, embora a paz numa democracia continue sendo um desafio constante. Mas é verdade que um autêntico regime democrático oferece condições básicas para a paz social, uma vez que visa ao bem-estar, ao desenvolvimento, à segurança de todas as camadas sociais, não apenas dos donos do poder ou de um grupo de elite.

LITURGIA & VIDA

CONTEÚDO DA COLETA

A coleta é genérica, como vimos: não desce a circunstâncias ou a casos particulares. Estes são reservados para a oração dos fiéis.

Na sua generalidade a coleta menciona vários aspectos básicos da vida humana e do seu anseio de liberdade. Daí os pares contrastantes: a fraqueza humana e a força divina, as coisas passageiras e a realidade definitiva, a vida terrena e a felicidade eterna.

Trata-se geralmente de oração de súplica, por exemplo: “dai-nos sempre o socorro de vossa graça” (11º dom.), “concede-me que não sejamos envolvidos pelas trevas do erro” (13º dom.), “enchei os vossos filhos de santa alegria” (14º dom.), “multiplicai em nós os dons de vossa graça” (16º dom.), etc.

Os pedidos básicos da humanidade pecadora vêm expressos na coleta e em geral nas orações litúrgicas. Aí se incluem nossos pedidos particulares, nossas necessidades concretas, nossas esperanças de cada dia. Nos momentos de silêncio que medeiam entre o convite à oração (“oremos”) e a oração devemos colocar nosso pequeno mundo e também as necessidades de nossa comunidade eclesial.

Numa posição tradicional o celebrante reza a coleta de braços abertos.

A conclusão — há vários tipos de conclusão — sempre exprime a mediação salvífica de Jesus Cristo, nosso único salvador. Jesus Cristo é a ponte que leva a humanidade até o Pai. Nele nossa humanidade foi glorificada (cf. Instr. 32).